

corrente a realização de uma missão em grande escala em Setembro próximo, que permita prospectar sistematicamente uma ampla zona da cidade romana, contribuindo portanto decisivamente para o desbloqueamento da situação existente no plano urbanístico.

25 de Maio — Colóquio sobre o Campo Arqueológico, realizado na Universidade do Minho e apresentado por três dos seus membros.

22 a 26 de Junho — Na Feira Agrícola de Braga AGRO 77 é apresentada uma exposição (fotografias, plantas, materiais) através da qual se explica o funcionamento e objectivos do Campo Arqueológico. Simultaneamente é distribuído ao numeroso público que a visita um folheto alusivo, enquanto no Boletim AGRO 77 são publicados dois textos sobre as actividades do Campo Arqueológico.

1 de Julho — Início das grandes campanhas de escavação de Verão, que se dividirão em seis fases para as quais estão inscritos cerca de 180 participantes e que incidirão nas zonas BRA-77 B, BRA-77 A e nas proximidades do Convento da Regeneração (muralha romana). A partir desta data passam a fazer parte do quadro do Campo Arqueológico F. Sande Lemos e H. Barreto Nunes, sendo a assessoria científica participada pela Doutora Manuela Delgado, da Faculdade de Letras do Porto.
Braga, Julho de 1977.

Resumé

Le 30 Juillet 1976 le gouvernement portugais publia le decret 670/76 qui a permis la création d'une vaste zone archéologique protégée dans la ville de Braga. Les dernières vestiges de Bracara Augusta ont ainsi échappé aux pelles des bulldozers, dans un moment critique de l'expansion urbaine.

A fin d'organiser les travaux systématiques de sauvetage archéologique, il a été créé un centre archéologique (Campo Arqueológico), rattaché à l'Université du Minho, qui a entrepris dès Septembre 1976 des sauvetages et des fouilles systématiques.

Les critères et les objectifs définis à court terme sont les suivants:

— Intervenir par des sauvetages d'urgence, hors de la zone protégée;

— Explorer systématiquement la zone protégée, en adaptant le rythme des fouilles à la cadence du travail de laboratoire;

— Vérifier systématiquement par des sondages ponctuels, le diagramme obtenu lors de la prospection géophysique de la zone protégée, effectuée par une équipe du Centre de Recherches Géophysiques de Garchy en Septembre 1977 — cela dans le but de définir avant l'été 78 un plan d'intégration urbaine de cette zone.

— Elaborer la carte archéologique de la zone urbaine étant donné les nombreuses trouvailles et la masse d'information archéologique actuellement dispersée.

— Réaliser à partir de 1978 l'étude du matériel et la mise au point de l'ensemble de la documentation, en vue de préparer un premier travail de synthèse sur l'état des recherches.

BIBLIOGRAFIA E RECENSÕES

Maria Garcia Pereira Maia

Nota:

A absoluta falta de tempo motivada pela época do ano já adiantada em que foi decidida a edição deste exemplar de «O Arqueólogo Português» e pela vontade unanimemente expressa por todos os colaboradores consultados de que essa edição se não fizesse tardar mais, teve como consequência um prazo muito curto para a recolha de originais.

Esse facto, que afectou todos os que quiseram dar a honra a esta Revista de nela colaborarem, atingiu igualmente os próprios coordenadores deste número que, divididos entre tarefas ligadas a essa coordenação e a sua investigação pessoal, viram o seu tempo ainda mais reduzido.

Assim se justifica que não possamos apresentar nesta secção recensões críticas a obras de importância fundamental no campo da investigação científica da cerâmica romana e vindas a lume durante o período correspondente à suspensão da Revista.

Está neste número o estudo de Jorge Alarcão sobre a cerâmica comum, local e regional de Conímbriga, editado em Portugal pela Universidade de Coimbra, em 1974, e em França, em 1975, incluído na série monumental dedicado àquela estação.

Outra obra de vulto, que mereceria ser aqui referida, é o trabalho de Françoise Mayet sobre a cerâmica de paredes finas, *Les Céramiques à Parois Fines dans la Péninsule Iberique*, edição de Centre Pierre Paris, Paris 1975, e que reveste particular importância para os estudiosos portugueses, uma vez que

trata, com a profundidade e método a que aquela autora nos habituou, a maior parte dos exemplares daquele fabrico recolhidos em Portugal.

Ainda em 1975 saiu, entre nós o número XIV da revista *Conímbriga*, quase exclusivamente dedicado à transcrição das actas de uma mesa-redonda efectuada em Conímbriga, sobre a cerâmica daquela estação, mas tentando integrar as conclusões alcançadas, no conjunto da cerâmica romana de Portugal.

Esta mesa-redonda, preparatória do volume IV da série monumental referente àquela estação, e dedicado às «sigillatas», foi certamente da maior importância para os participantes e para os leitores interessados tanto na obra sobre cerâmica comum como na que trata das «sigillatas» e é da maior utilidade, como complemento precioso para uma melhor compreensão dos critérios, terminologia e classificações adoptados.

O relato minucioso e objectivo que nos é oferecido permite auscultar a opinião das maiores autoridades mundiais nos diversos tipos de cerâmica tratados, facultando àquelles que não estiveram presentes, um meio de conhecer os mais recentes resultados da investigação nesses campos, assim como um instrumento crítico importante no que respeita à leitura e avaliação científica daquelas duas obras.

Pena é que esta concentração de cientistas estrangeiros em Portugal — nada menos que dezasseis — apenas aproveitasse a oito participantes portuguesas, quase todos ligados à investigação da estação de Conímbriga. Não pretendemos discutir aqui as verbas assim despendidas, mas sim a perda de uma oportunidade que certamente se não virá a repetir, para que todos os restantes investigadores portugueses que se dedicam quer ao estudo da cerâmica romana em particular, quer à investigação arqueológica doutras estações do mesmo período pudessem, não dizemos já intervir na mesa-redonda, uma vez que pouco ou nada teriam a dizer sobre Conímbriga, mas travarem conhecimento directo com as peças analisadas, com a opinião dos mestres nacionais e estrangeiros acerca das mesmas, assim como com as conclusões a que chegou a equipa encarregada do seu estudo.

Por outro lado, as entidades responsáveis pela investigação e pelo ensino em Portugal poderiam ainda ter aproveitado a presença daqueles especialistas entre nós para lhes solicitarem um prolongamento por alguns dias da sua estada, afim de ser organizado um seminário sobre cerâmica romana, aberto aos interessados, à semelhança daquilo que o malogrado Nino Lamboglia fez há anos em Espanha, com tão auspiciosos resultados.

Resta ainda fazer referência especial ao volume já citado sobre as «sigillatas» de Conímbriga, editado em França em 1975 e que recebeu o n.º IV da série monumental dedicada àquela estação.

DA ARQUEOGRAFIA À ARQUEOLOGIA

Notas de leitura sobre um novo livro

Victor dos Santos Gonçalves

Sendo já de 1969 o livro de Moberg, *Introdução à Arqueologia**, bem merece, no entanto, a classificação de *novo*, uma vez consideradas as alterações e acrescentos da edição francesa de 1976 que inclui, aliás, um importante texto de Alain Schnapp sobre o ensino da arqueologia em França. Tudo isto, e ele próprio em si, o torna em qualquer coisa distinta de *mais um* outro manual de arqueologia. Trata-se, efectivamente, e a diversos títulos, de uma forma diferente de introduzir em arqueologia o público leitor.

Que arqueologia? — pergunta-se Moberg, um pouco à maneira de Childe. Qual, hoje, o «verdadeiro» campo da arqueologia?

«Le champ de l'archéologie est planétaire, l'objet de la recherche est ni plus ni moins que l'humanité dans son ensemble, et le temps dans lequel évoluent les archéologiques s'étend de cinq millions d'années à aujourd'hui.» (p. 7.)

Esta profissão de fé, que nos recorda a *Apologie* de Marc Bloch (ver a propósito não apenas o *tom* mas a *forma* do período que se segue à citação supra), explica a sistematização geral do livro e o tom crítico frequentemente adoptado (apesar de explícita afirmação em contrário) para com as *arqueologias diferentes*. Que arqueologia, então, a que propõe Moberg?

Sem dúvida uma unidade complexa que mobiliza conceitos como os de arqueografia (a etapa descritiva) que inclui a arqueoscopia (o que se vê) e a arqueometria (o que se mede), tudo organizando-se num arqueograma como este entograma onde, significativamente o *perguntar* antecede o *observar* e o *descrever*. É já tempo, com efeito, do arqueó-

* Carl-Axel Moberg — *Introduction à l'archéologie*, François Maspero, Paris, 1976 (1.ª edição, Estocolmo, 1969, texto francês do Autor, Serge Cleuziou, Annie Schnapp e Alain Schnapp).

logo e do pré-historiador deixarem de ser como o trapeiro do facto de que falava Mousnier em Saint-Cloud, ao responder a Labrousse¹. É necessário elaborar a lista das nossas interrogações e, com ela apetrechados, partir para o campo, não esquecendo que as perguntas do arqueólogo são como as listas de compras num supermercado: nunca abrangem nem a totalidade do possível nem a totalidade do necessário.

Partir, portanto, com perguntas mas saber acrescentar à lista cada nova questão que o terreno sugere.

«Introdução a uma disciplina em crise» assim começa Moberg. Porque de crise se trata realmente quando a multiplicação dos dados os tornou, em grande parte, incontroláveis. Contra o que Bordes e os tipologistas lutaram. Mas a realidade «irrecuperável» do passado humano² é a limitação e o estímulo a todo o trabalho de recolha e tratamento de dados.

Errado é «croire qu'un résultat archéologique consiste en une fouille ou une trouvaille». Como bem sublinha Moberg, «la vérité est tout autre: une trouvaille n'est qu'un commencement, le début d'un processus dont l'archéologie est le responsable. L'accumulation énorme de données inutilisables qui caractérise cette orientation scientifique a déjà des effets paralysants» (p. 13).

Como noutra lugar me vi obrigado a referir³ é da estreita conexão entre as diversas etapas do processo arqueológico que *poderá* surgir uma informação capaz de ilustrar fenómenos como, por exemplo, o megalitismo ou o campaniforme, sobre os quais é de uso muito falar e nada dizer.

Interessante é, também, uma das advertências de Moberg sobre o que se poderá designar como «imperialismo sectorial interdisciplinar»:

«La crise de l'archéologie se manifeste aussi dans la tendance de plus en plus répandue à isoler une causalité dominante, écologique, économique ou sociologique, à l'intérieur du faisceau des relations qui constitue le groupe humain du point de vue de l'archéologue. On devrait pas oublier, par exemple, qu'à trop insister sur le milieu naturel et la prépondérance des relations écologiques on fait bon marché des facteurs humains et sociaux.» (15).

Advertência a ter bem presente se considerarmos os excessos dos tipologistas ou dos adeptos da maciça matematização da Pré-

-História. Para além dos gráficos, dos números, dos índices de frequência, existe uma realidade humana irreduzível a fórmulas ou esquemas. É a *diferença* que é preciso procurar, como já o fazia Morgan, mas essa busca das *sociédades diferentes* se passa pela matematização do facto retrocede, em *feed-back*, para a teoria que o enquadra e explica.

Se os capítulos 1 a 5 se sobreintitulam justamente *Arqueologia da Introdução* e os 6 a 12 *Material em sistema: a arqueografia*, o terceiro grupo (13 a 20) encontra a sua coesão numa designação polémica: *A Humanidade em sistema: a Arqueologia*. Não comentarei agora o segundo grupo de capítulos, cuja referenciação fica para depois — talvez para uma projectada edição portuguesa — mas outrotanto não seria recomendável, no que diz respeito ao terceiro grupo que inclui algumas observações a reter.

«Une fois que la base nécessaire a été établie à travers les étapes préalables du traitement archéologique des données, on peut concentrer les efforts vers le but principal de l'archéologie elle-même: obtenir des réponses plus précises à des questions sur les êtres humains. Sans théorie archéologique claire, les données archéographiques sont des fragments sans vie. Inversement, une théorie archéologique sans données archéographiques n'est pas l'archéologie.» (p. 169.)

Sendo a relação homens-materiais (ou melhor materiais-homens) o espaço entre a arqueologia e a Pré-História, a sua execução é garantida pela teoria arqueológica. Da sua estruturação depende, pois, a segurança e o rigor do «salto». É a arqueografia, como o sublinha, e bem, Moberg (p. 173) não é senão o desencadeador do processo. Smolla chamava-lhe «caldo de espaço e tempo». Moberg chama a atenção para que não é o facto de o «caldo» estar apurado que significa o fim do processo arqueológico e que:

«Ce qui est vraiment important, ce ne sont pas les événements techniques ou cérémoniels immédiatement accessibles, mais plutôt la manière dont les êtres humains ont organisé leur approvisionnement, leur société, leur langue, et surtout ce qu'ils disaient l'un à l'autre, ce qu'ils pensaient. Sur tout cela, et dans le meilleur des cas, nous ne recevons que quelques indications fragmentaires. Mais nous pensons qu'il

1 *L'Histoire Social, sources et méthodes*. P.U.F., Paris, 1967. Trad. port., Edições Cosmos, Lisboa, 1973, p. 45.

2 Ver a minha introdução ao texto de Gordon Childe *Para Uma Recuperação do Passado*. Bertrand, Lisboa, 1976, nomeadamente p. 9 e p. 26.

3 *O Castro da Rotura e o Vaso Campaniforme*, Setúbal, 1971.

existe des relations fixes entre cette portion restreinte des activités humaines qui nous est accessible et ces sphères plus lointaines mais plus intéressantes, et nous espérons découvrir les unes en étudiant les autres.» (p. 174.)

Quais os componentes de uma «comunidade» pré-histórica? Como caracterizá-los? É talvez aqui que se torna patente uma certa fragilidade, por vezes perceptível a nível do discurso mas não da estrutura geral do trabalho. O que se compreende, aliás, se tivermos em conta a imagem que Gourhan tão bem escolheu ao falar da Pré-História como um colosso cujos pés são sólidos porque assentam na realidade concreta mas que vai sendo progressivamente mais frágil à medida que nos aproximamos da cabeça que é, inevitavelmente, bem semelhante à do pré-historiador.

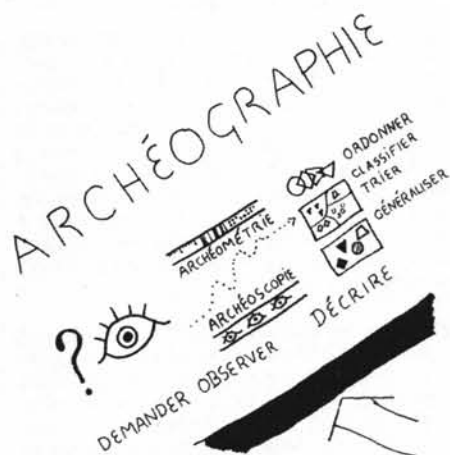
«Ser», «Fazer», «Possuir», «Pensar». Se não é difícil lidar com as três primeiras categorias, a quarta é, em si, um novelo de questões em aberto.

Que dizer, por fim, do livro de Moberg? Que ele fala, sem dúvida, no sentido de nos colocar a nós, os vivos, «perante os mortos da nossa espécie» essa «esmagadora maioria»

formada por tantas «minorias». Nesse sentido, não sendo um manual técnico, o livro de Moberg é correcto na perspectiva e na intenção. Porque «a navegação arqueológica precisa de grandes viajantes, mas também de pilotos locais» é necessário que a informação perca o seu cunho solene e hermético para, sem perda de rigor, se abrir ao grande público. Para que se compreenda afinal que a arqueologia *também* é o computador e o tratamento automático dos dados, a tipologia e a estatística (sem que *apenas* o seja).

A «arqueologia» portuguesa, arqueologia do imediato, da quantidade, do mito da peça, do mito da publicação, do *transfert* a exigir psicanalista, das grandes regiões geográficas e cronológicas «monopolizadas» não teve ainda o seu 25 de Abril e urgente começa a ser que o tenha, antes que o sistemático destruir de evidências que é o sistemático e absurdo recolher de materiais sem conexão estratigráfica a conduza não à crise de que fala Moberg mas a outra bem pior, a da anarquia do facto, a da extrapolação do dado ou ao extremo (preferível?) da «ditadura da burocracia». Neste sentido, o livro a que me tenho vindo a referir pode ser (oxalá o seja!) salutar.*

Lisboa, Verão de 1977.



LA DÉMARCHE ARCHÉOLOGIQUE

Le schéma figure les différentes étapes de l'enquête archéologique alignées l'une après l'autre dans une succession logique. Dans la réalité, il n'en va guère ainsi : le travail archéologique est une succession de retours en arrière et de recommencements. C'est pour le suggérer que nous avons ajouté à la droite de « archéographie-archéologie » des flèches qui retournent en arrière pour former des sortes de *feed-back*.



* Em fim de volume publica-se um texto de Alain Schnapp sobre o ensino da arqueologia em França. Recomenda-se vivamente a leitura dos seus pontos sobre «as arqueologias paralelas», as «arqueologias administrativas», «as arqueologias ausentes» e dos dois gráficos publicados.